

A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO EMOCIONAL PARA O ENSINO RELIGIOSO COMO UM CAMINHO PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO DOS EDUCADORES E DOS EDUCANDOS.

Maria Gorete Santos Jales de Melo

Universidade Federal da Paraíba
mar.goretasantos@gmail.com

Resumo: No atual modelo social capitalista onde temos que corresponder aos anseios de uma sociedade competitiva, tendo que ser cada vez melhores, a ciência pedagógica vem ficando cada vez mais sofisticada e complexa, conduzindo a educação formal a se apoiar em perspectivas produzidas por demais áreas afins. Nesse sentido, considerando as emoções na atualidade, como um dos maiores desafios educacionais, a educação das emoções deve ser vista como uma possibilidade de construção de um novo olhar por parte dos educadores para com as emoções de seus educandos, a fim de auxiliá-los no reconhecimento, na condução e regulação destas, bem como do equilíbrio da razão, através do autoconhecimento e autogestão, sobretudo diante da atual circunstância educacional brasileira, em que se fala cada vez mais em uma educação voltada para a concepção de formação integral do educando, bem como da situação de intolerância religiosa que ocorre em nosso país, necessitando de mais compreensão e harmonia. É nesse sentido que destacamos a importância de ampliar as discussões e o diálogo sobre Educação Emocional nos espaços escolares, uma vez que ela certamente pode contribuir consideravelmente para o Ensino Religioso, visto que a sua importância está em conduzir a atuação do pensamento sobre o sentimento e as ações, para que, tanto o educador como o educando possam desenvolver autonomia e capacidade de lidar com os conflitos internos e externos, melhorando assim a qualidade do processo de ensino e aprendizagem, como também o relacionamento com os outros, em todas as esferas da vida humana, sobretudo na esfera educacional.

Palavras-chave: Educação emocional, Ensino Religioso. Contexto escolar.

1 Introdução

Especialistas classificam o ser humano como um dos mais complexos seres da natureza e que se distingue dos outros animais não só pela sua capacidade intelectual e cognitiva, mas por agir com racionalidade. Desse modo, segundo Ferdinand Rörh (2012), essas capacidades fazem parte da “dimensão mental”, que é para ele, uma das cinco dimensões básicas do ser humano. De acordo com esse autor, existem dimensões que compõem a integralidade humana, dimensões estas que não podemos conceber separadamente. Ele destaca que “as dimensões estão de certa forma interligadas e que uma dimensão influencia na outra.” (RÖRH, 2012, p. 15). Dentre as dimensões humanas apontadas por ele, estão: “física, sensorial, emocional, mental e espiritual”. Nesse sentido, o educando não está fadado a ter acesso apenas aos conhecimentos formais adquiridos por suas habilidades cognitivas.

Ao conceber o ser humano em toda a sua complexidade, “dentro de uma visão de totalidade, aos vários níveis de conhecimento: o sensorial, o intuitivo, o afetivo, o racional e o religioso” (PCNER, 2012, p.44), refletimos sobre um dos questionamentos de Luckesi (1994, p. 37), sobre a educação: “Que sentido pode ser dado à educação, como um todo, dentro da sociedade?”. O autor ainda complementa dizendo:

Alguns responderão que a educação é responsável pela direção da sociedade, na medida em que ela é capaz de direcionar a vida social, salvando-a da situação em que se encontra; um segundo grupo entende que a educação reproduz a sociedade como ela está; há um terceiro grupo de pedagogos e teóricos da educação que compreendem a educação como uma instância mediadora de uma forma de entender e viver a sociedade. Para estes a educação nem salva nem reproduz a sociedade, mas pode e deve servir de meio para a efetivação de uma concepção de sociedade. (LUCKESI, 1994, p. 37).

Nessa direção, Gonsalves (2015, p.15) diz que “pesquisas vêm sendo realizadas em diferentes áreas do conhecimento, atualizando as questões, indicando novos caminhos e superações teóricas e metodológicas e permitindo novas elaborações para o campo da educação”. Sendo assim, diante do atual contexto de crescente avanço em todas as esferas da vida humana, sobretudo na esfera educacional, estamos diante de novos desafios e novas perspectivas pedagógicas, voltadas para um contexto educacional que não se resume a um mero espaço de transposição de conhecimentos. As atuais exigências atribuídas à educação, no sentido de desenvolver estratégias para o aperfeiçoamento do processo de ensino e aprendizagem, fazem com que seja cada vez mais desafiador para as escolas proporcionar e favorecer o desenvolvimento do educando e suas relações com o mundo e consigo próprio.

Como é objetivo da educação escolar preparar o educando para o exercício da cidadania e qualificá-lo para o trabalho, esse processo formativo deve ser realizado também no âmbito do ensino religioso, através de novas mediações, enfrentando preconceitos religiosos presentes na esfera particular e pública, uma vez que a educação contribui para o desenvolvimento total do indivíduo em seus múltiplos aspectos: corpo, mente, espírito, pensamentos, sentimentos e emoções em consonância com o meio social, político, cultural, e religioso em que se situa. Nesse sentido, o ensino religioso atualmente vem apontando perspectivas que evidenciam uma pedagogia voltada para uma formação humana mais completa, com a preocupação do aprimoramento do educando enquanto ser humano, que está além do desenvolvimento das capacidades intelectuais e cognitivas,

mas também da busca pelo aperfeiçoamento de potencialidades relacionadas às concepções de cidadania e de auto aperfeiçoamento.

Assim sendo, pensamos que a educação emocional possa ofertar a possibilidade de explorar as diferentes dimensões humanas, contribuindo consideravelmente com o ensino religioso a fim de otimizar e melhorar a qualidade do processo de ensino e aprendizagem, a partir da educação das emoções. Desse modo, buscamos melhor compreender a relação da educação emocional como um elemento que pode auxiliar relevantemente com o ensino religioso, diante do quadro de intolerância religiosa vivenciado atualmente no nosso país.

A motivação para escrever sobre esta temática surge a partir de leituras e discussões no decorrer da disciplina Espiritualidade, Saúde e Educação, tendo em vista que precisamos pensar e discutir no meio acadêmico, e extra-acadêmico, sobre a educação numa perspectiva não somente voltada para a formação, mas também de autoformação humana. Desse modo, gostaríamos de ampliar a discussão e o diálogo sobre educação emocional no espaço escolar, sobretudo diante da atual circunstância educacional brasileira, em que se fala cada vez mais em uma educação voltada para a concepção de formação integral do educando. Nesse sentido, o presente artigo tem como finalidade tecer algumas reflexões sobre a importância da educação emocional no processo de construção permanente na vida dos educandos, uma vez que não deve ser vista apenas como um fenômeno exclusivamente restrito ao contexto da escola, mas que perpassa pela família, pela comunidade escolar e pela vida cotidiana dos educandos, tendo em vista que, segundo Gonsalves (2015) afirma, a educação emocional é um estado de autoconhecimento permanente, uma possibilidade de uma formação contínua ao longo da vida do indivíduo, para que este possa adquirir competências e assim promover o seu próprio bem estar e de ter uma relação melhor com o outro.

2 Perspectivas educacionais e a educação emocional

Platão (427-347 a.C.) considera as virtudes éticas como habilidades complexas relacionadas a aspectos racionais, emocionais e sociais. Este pensador, assim como Sócrates (469-399 a.C.), via o indivíduo em constante crescimento e amadurecimento de si próprio, sendo a educação um processo de trazer de dentro para fora as virtudes, através do “conhece-te a ti mesmo”. Rousseau (1712-1778) demonstra sua preocupação para com a formação do indivíduo como pessoa humana. Em sua principal obra, *O Emílio ou da Educação*, o autor deixa claro que o objetivo da educação é contribuir para formar o homem livre e autônomo.

Também Morin (2010) como Freire (1997), também enfatizam a luta para proporcionar aos educandos o aprimoramento de suas capacidades para a autonomia do pensamento e a habilidade para lidar com a complexidade da vida. Freire diz que o objetivo maior da educação é conscientizar e desenvolver a criticidade dos educandos. Para ele, o saber deve estar aliado ao senso crítico e ser capaz de conduzir ao caminho da liberdade e da emancipação. Ele aponta ainda que os seres humanos não são seres que apenas existem no mundo, mas que estão em plena relação com este mundo, e dessa forma adquirirão capacidade de tomar consciência de si e do mundo (FREIRE, 2012). Ele ainda enfatiza que:

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e emoções, os desejos, os sonhos, devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual. (FREIRE, 1996, p. 146)

Buscando contribuir com o almejado equilíbrio entre o racional e o emocional, Sucholdoski (1977) sistematizou a pedagogia da essência e existência humana de forte influência educativa que promove as virtudes morais: de bondade, respeito e autonomia, entre outras. Para o seu entendimento a educação “é sempre uma esperança racional”, que se configura como “a mais importante categoria existencial dos atributos humanos” (SUCHODOLSKI, 1977, p. 28). Já para Delors (2012), a educação do século XXI deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.

Nesse entendimento, percebe-se que alguns pensadores e estudiosos, desde a antiguidade, ligados à educação direta ou indiretamente, já estavam atentos à complexidade do ser humano, não apenas pelo fato de nos distinguirmos dos outros animais por agir com racionalidade, ou pela capacidade intelectual e cognitiva em aprender, mas, também, por contemplar outras capacidades na complexa dimensão existencial humana. Ou seja, a educação vista por estes teóricos não é apenas um instrumento que transmite conhecimentos, mas atua no indivíduo para despertar o pensamento crítico e autônomo, assim como para formular seus juízos de valor e ser autônomo intelectualmente. Nessa perspectiva, de acordo com os autores mencionados, *aprender a viver* é uma condição a ser considerada no processo ensino-aprendizagem e que também deve fazer parte da educação. Assim como eles, pensamos que o ensino atual precisa ensinar a viver, muito mais do que transmitir conhecimentos e conteúdos.

Assim sendo, este *ensinar a viver* está baseado na condição humana, no sentido de orientar o educando a se perceber. Ou seja:

O ser humano necessita de uma educação que o instrua a desenvolver um disciplinamento do corpo, adquirindo hábitos saudáveis que se originam de uma existência esclarecida e cultivada. O mesmo se aplica à vida emocional e sentimental – o ser humano dificilmente consegue apenas por si só identificar e diferenciar as emoções que precisam ser cultivadas das que precisam ser reorientadas a outros fins. A capacidade de controlar (nunca no sentido de reprimir ou suprimir) as emoções, isto é, de monitorá-las e encaminhá-las de forma adequada ao desenvolvimento próprio e ao modo apropriado de se relacionar com os demais é algo que precisa ser aprendido. (POLICARPO JR, 2011, p. 102)

É nesse sentido, que “[...] a educação dentro de uma perspectiva integral busca ampliar e resgatar os fundamentos da razão educativa, a saber: a humanização” (RÖRH, 2012, p. 156). Desta maneira, podemos compreender que estes e tantos outros autores, de certa forma, já ressaltavam o valor das emoções na aprendizagem, embora, sem o aprimoramento e o caráter científico do modelo atual. Desse modo, podemos afirmar que se faz necessário desenvolver nos educandos capacidades que possam auxiliar no favorecimento do processo de ensino-aprendizagem.

3 O ensino religioso no contexto escolar e a educação emocional

Para Aristóteles, “qualquer um pode zangar-se – isso é fácil. Mas zangar-se com a pessoa certa, na medida certa, na hora certa, pelo motivo certo e de maneira certa — não é fácil” (Aristóteles apud Golemann, 1995, p. 12). Nessa mesma direção, Santos (2000, p. 52), diz que “se aprendemos a controlar a raiva e procuramos divulgar suas formas de controle na escola, em casa e com os amigos [...] seguramente estaremos contribuindo para um mundo melhor, sem tanta violência”. Isto nos faz refletir sobre a educação na atualidade, que, de certa forma, requer uma pedagogia que possa proporcionar aos educandos uma aprendizagem embasada na valorização das relações humanas e sociais, porém, sem negar ingenuamente a presença dos conflitos, remetendo-nos à educação para *Cultura da Paz*, tão preconizada nos dias atuais na esfera do Ensino Religioso. Ou seja, uma educação voltada para a construção do conhecimento, mas também do autoconhecimento e para a convivência.

Nessa mesma direção, Delors (2012) destaca a educação não apenas para a absorção de conhecimento, mas, para ensinar a pensar, e saber comunicar-se, a ser independente e autônomo; enfim, ser socialmente responsável. “E nesse processo educativo se figura ao final um ser sabedor de si mesmo”. Sendo assim, ele diz que: “[...] a educação, seja ela fornecida pela família, pela

comunidade ou pela escola, deve, antes de mais nada, ajudá-los a descobrir-se a si mesmos.” (DELORS, 2012, p. 80). Essas acepções convergem com a dialogicidade na perspectiva Freireana da Pedagogia da tolerância. Desse modo, é interessante ressaltar que, “Ser emocionalmente alfabetizado é tão importante na aprendizagem quanto a matemática e a leitura.” (GOLEMAN 2001, p. 276). O autor complementa dizendo:

A idéia básica é elevar o nível de competência social e emocional nas crianças como parte de sua educação regular — não apenas uma coisa ensinada como paliativo para crianças que estão ficando para trás e que são “perturbadas”, mas um conjunto de aptidões e compreensões essenciais para cada criança.

A partir dessa concepção, poderíamos dizer que “Aprender a lidar com as emoções enquanto processo educativo, de forma criativa e saudável, inovando-se, é fundamental para todos”. (GONSALVES, 2015, p 49), especialmente em relação ao Ensino Religioso, uma vez que este se abriu para as reflexões e lutas voltadas para o favorecimento do respeito, cidadania e ética, considerando o fato desse componente curricular partir de uma abordagem pedagógica que estuda, pesquisa e reflete a diversidade cultural-religiosa, sobretudo, brasileira.

Deste modo, é importante destacar que o Ensino Religioso, articulado com as demais disciplinas, teoricamente deve promover a compreensão de aspectos culturais e religiosos, que estão muito além da simples transmissão de informações, mas que atua como ponte que conduz os educandos a cultivarem valores humanistas e, principalmente, o respeito àqueles cujas opiniões divergem das suas. Nessa perspectiva, poderíamos acrescentar com as palavras de Gonsalves (2015, p. 14) que, “Vários argumentos justificam a Educação Emocional como um campo de intervenção e de estudo fundamental para a prática pedagógica”. Dessa forma, gostaríamos de fazer a seguinte indagação: como poderíamos justificar a atuação da Educação Emocional na escola?

A finalidade ética da escola constitui-se, entre outros aspectos, na formação de educandos capazes de reconhecer e respeitar as fronteiras entre a sua privacidade e o espaço público, bem como estimular o conhecimento de diversas compreensões religiosas, através do diálogo entre as diferenças, de forma a contribuir com a formação integral e cidadã de cada um dos deles. Para que de fato isso ocorra, cada educando precisa desenvolver a capacidade de organização de seus sentimentos e de suas emoções, que, conseqüentemente, repercute nas suas ações para com as pessoas, como integrante da “teia da vida”, uma vez que “[...] a natureza não nos mostra blocos de construção isolados, mas, em vez disso, aparece como uma complexa teia de relações entre as várias partes de um todo unificado”. (CAPRA, 1996, p.40). Nesse sentido, é oportuno ainda destacar que:

Para atuar de forma emocionalmente saudável, os indivíduos necessitam aprender a vivenciar, quer a sua experiência emocional, quer a sua expressão emocional. Ser capaz de diferenciar as emoções, compreender a sua função e refletir sobre as mesmas são competências fundamentais para se viver bem. Esse processo de aprendizagem engloba um conjunto de estratégias que a pessoa utiliza para aumentar, manter ou diminuir um ou mais componentes de determinada resposta emocional. Essas estratégias podem afetar todas as dimensões do processamento emocional, nomeadamente a nível fisiológico, cognitivo, comportamental. (GONSALVES, 2015, p.58)

Esse raciocínio converge com as ideias de Paulo Freire (1967) quando ele afirma que educamos com o corpo inteiro, com a razão e com a emoção. Assim sendo, tendo em vista que o educador trabalha com formação humana, deve ele ser capaz de reconhecer as emoções básicas de seus educandos (alegria, tristeza, medo, raiva, vergonha), bem como proporcionar oportunidade para que eles compreendam suas emoções, a fim de facilitar o ato de pensar, a ação do pensamento sobre o sentimento. Nessa perspectiva, Gonsalves diz que,

“É preciso atentar para os espaços de formação, sejam eles escolares ou não, a fim de verificar até que ponto eles estão sendo nutridos pelas emoções que libertam, como o amor e a solidariedade. Nesse sentido, aprender a lidar com a própria emocionalidade é uma tarefa educativa libertadora, inadiável e urgente.” (Gonsalves, 2015, p. 53).

É nesse entendimento que a escola precisa se capacitar para saber lidar com um novo perfil de educando, estimulando-o a se perceber e a perceber o outro, para que seja capaz de saber lidar com as emoções alheias, a partir da consciência de suas próprias emoções e, sobretudo, aberto ao diálogo. E isto não é algo que possa ser realizado isoladamente, daí a importância de intervenções que possam auxiliar nas situações específicas da escola.

4 Metodologia

Esse estudo envolve a pesquisa bibliográfica, visto que é permeado fundamentalmente por leituras de diversas fontes, motivada a partir da disciplina Espiritualidade, Saúde e Educação, ofertado pelo curso de mestrado na pós-graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba. Fizemos interlocuções com alguns autores ligados à educação, ao ensino religioso e à educação emocional, que contribuíram para aperfeiçoar a nossa compreensão acerca do fazer educativo na perspectiva da educação emocional. Dessa forma, tecemos algumas reflexões sobre a contribuição da educação emocional no contexto escolar, como processo de construção

permanente na vida dos educandos, e que não deve ser considerado como um fenômeno exclusivamente escolar, uma vez que perpassa pela vida familiar e também na vida cotidiana dos educandos.

5 Resultados e Discussão

As pesquisas sobre essa temática estão tomando maior dimensão e visibilidade entre alguns teóricos, cuja afinidade, como vimos, não é algo tão novo como se supõe. Desse modo, a escola como um espaço de aprendizagem e de formação humana em diversos aspectos, compete a ela contribuir na formação e autoformação humana dos sujeitos envolvidos no processo educativo, tais como: educandos, educadores e demais funcionários, no sentido de perceber as múltiplas peculiaridades inerentes e pertinentes a cada uma destas pessoas. Bem como, incorporar no currículo da escola a organização de uma disciplina que forneça subsídios para a promoção da construção e formação do outro enquanto Ser. Nesse sentido, a educação emocional constitui-se em um novo caminho para inserir as emoções no currículo formal do contexto escolar, numa perspectiva pedagógica mais ampla e abrangente, de integralidade humana, que vai além da cidadania.

6 Considerações Finais

Embora a escola faça de parte de uma sociedade que cobra cada vez mais dos educando uma atitude competitiva, cuja preocupação resume-se em formar pessoas para o desenvolvimento intelectual cognitivo, no intuito de preparar o educando para competição relacionada ao acesso a alguma universidade e para o mercado de trabalho, a mesma deve, por outro lado, buscar alternativas que possam de certa forma, se sobrepor às exigências rígidas do nosso sistema capitalista. Desse modo, cabe à escola seguir em direção de uma postura que não reduza o educando apenas a dimensão mental, intelectual e cognitiva, mas, que leve em consideração outras dimensões que envolvem a complexidade humana. Em outras palavras, a escola precisa estar atenta para a possibilidade de adequar os conhecimentos formais, de maneira que permita refletir além da racionalidade e da lógica dominante. Isto significa uma mudança de paradigma, que busque o equilíbrio entre o racional e o emocional.

Sendo assim, acreditamos que a educação emocional no contexto escolar poderá colaborar consideravelmente com o Ensino Religioso, constituindo um novo caminho para compreender e

ajustar as emoções dos educandos e dos educadores, a fim de favorecer, além o crescimento intelectual, o respeito e a aceitação das diferentes manifestações religiosas.

Referências

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo, Cultrix, 1996.

DELORS, Jacques (org.). **Educação um tesouro a descobrir – Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. Editora Cortez, 7ª edição, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

GOLEMANN, Daniel. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

_____. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente**. 45. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Educação e emoções**, Campinas, SP: Editora Alínea, 2015.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

PCNER – **Parâmetros curriculares nacionais do ensino religioso**. São Paulo, SP: Editora Ave Maria. 3ª edição, 1997).

POLICARPO JR., José (organizador), MOTA, Ana Paula F. Da Silveira, GALEFFI, Dante Augusto et al. – **O pensar, o sentir, o agir: sentidos da formação humana**. Recife: Instituto de Formação Humana, 2011. ISBN: 978-13-01869-42-8 ebook Disponível em: <https://www.smashwords.com/books/view/306736> acessado em: 19/09/2017.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. (Tradução de Roberto Leal Ferreira). 2 ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SANTOS, J. O. **Educação emocional na escola: a emoção na sala de aula**. Salvador: Faculdade Castro Alves, 2000.

SUCHODOLSKI, B. **A pedagogia e as grandes correntes filosóficas: a pedagogia da essência e a pedagogia da existência**. Lisboa, 1977.

RÖRH, Ferdinand. (org.). **Diálogos em educação e espiritualidade**. 2ª edição revisada – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.